

REFLEXÕES SOBRE O AMOR E AS RELAÇÕES AMOROSAS

Marta Echenique

“Amar também é bom, porque o amor é difícil. O amor de duas criaturas humanas talvez seja a tarefa mais difícil que nos foi imposta, a maior e última prova, a obra para a qual todas as outras são apenas uma preparação.”

(Ranier Maria Rilke)

Para discutir relação amorosa temos que pensar o amor. Para pensar o amor, vamos refletir sobre suas origens e sobre os encontros e desencontros entre homem e mulher.

Meu pensamento se alicerça no Psicodrama de Jacob Levy Moreno. De suas variadas vertentes teóricas, que incluem a Socionomia, a Teoria da Espontaneidade-Criatividade, a Teoria dos Papéis e a Teoria da Matriz de Identidade, o aspecto que quero ressaltar passa pela Matriz de Identidade, especificamente como formadora da identidade de gênero.

Penso que os desafios e as dificuldades pelas quais podem passar as relações amorosas estão muito relacionadas com a estruturação da identidade de gênero. O amor, expressão maior da complementaridade entre o homem e a mulher, surgiu como consequência da bipedia e da solidariedade. Em tempos remotos, cada um provia as suas necessidades, independentemente, ainda que vivessem em bandos. As modificações climáticas e ambientais que obrigaram a maior engenho na obtenção de alimentos e de segurança, estimularam a cooperação entre os indivíduos e o crescente uso dos membros superiores nessas tarefas, o que provocou o surgimento da bipedia.

O advento desta é o ponto de ruptura entre os primatas e o homem. A postura ereta realimenta o uso dos membros superiores, com a criação de novas oportunidades em aplicações cada vez mais variadas e, ao mesmo tempo, amplia o campo de visão, oportunizando uma noção de distância e perspectiva que facilita a construção e a representação de objeto, libertando o homem da necessidade de concretude e da presença do mesmo - ampliando-se o horizonte, amplia-se a mente, aumenta o volume do cérebro e se desenvolve o lobo frontal, responsável pela abstração e pelos afetos, fazendo com que surjam padrões novos e muito significativos de relações interpessoais.

Paralelamente a modificação estrutural do esqueleto, visando maior eficiência no andar, alterou consideravelmente a conformação dos membros inferiores e da bacia, a qual torna-se mais estreita, impossibilitando o nascimento de crias com cabeças grandes. A solução da seleção natural foi o parto prematuro de filhos com cabeças menores, que passavam mais facilmente pelo orifício genital, mas que exigiam muito maior tempo de cuidados suplementares. O nascimento de um bebê caracterizado pela imaturidade e pela fragilidade tem consequências hominizantes, pois este bebê exige, para sobreviver, uma mãe humana, capaz de cuidados extremos e um pai provedor de alimentos, abrigo e defesa. Obrigada a segurar o filho imaturo em seus braços ou fixá-lo ao próprio corpo, com a atenção sempre voltada para sua sobrevivência, a fêmea torna-se menos capaz de prover a subsistência sua e da prole e começa a necessitar da proteção e ajuda dos machos. Para conservá-los perto de si e interessados em protegê-la, a seleção genética irá prestigiar as fêmeas que copulam a maior parte do ciclo mensal, as quais acabam por perder seus estros e se tornam permanentemente receptivas ao intercuro sexual. Essa receptividade e os atrativos e encantos

desenvolvidos pelas fêmeas para prender o macho são importantes dados na estruturação de uma relação duradoura, de compromissos recíprocos, cujo fim principal é a sobrevivência dos filhos.

A receptividade sexual constante e a cópula frontal, face-a-face e olho-no-olho, também fruto da nova conformação anatômica típica da bipedia, permitem aos parceiros se acariciarem e envolverem em abraços: inaugura-se o amor.

Elemento fundamental da hominização, o amor nasce da proximidade e do prazer corporal e se define pela complementaridade e pela troca, que estabelecem laços de colaboração, visando à conservação e à evolução da espécie.

Homens e mulheres desenvolvem por diferentes caminhos a solidariedade e o altruísmo, o cimento da socialização humana.

A vulnerabilidade do recém-nascido humano, bem como o longo tempo que permanece sob seus cuidados, predispõem a mãe ao apego e ao desvelo, germes da abnegação e dedicação básicas que caracterizam o amor; os machos ligam-se inicialmente às fêmeas por seus atrativos sexuais e secundariamente estabelecem o cuidado e o altruísmo com elas e com a prole.

Ao escolher uma parceira, entre as fêmeas disponíveis, o homem escolherá aquela que apresentar o biótipo mais adequado a uma boa gestação, parição e lactação - quadris largos e fartos seios -, bem como os predicados compatíveis com as tarefas de cuidado e atenção com a prole - temperamento doce, meigo e carinhoso. As mulheres escolherão os machos que mais se aproximem do biótipo do defensor e provedor bem sucedido - homens grandes, fortes, peludos, que afastem ou assustem os inimigos, que facilmente consigam o alimento necessário à família e que ocupem um lugar de prestígio na hierarquia grupal.

No início, as diferenças circunstanciais e comportamentais eram diluídas nos momentos de convívio e a segurança física e constância emocional, proporcionadas pelo agrupamento social, permitiam manifestações afetivas sensuais e sexuais entre os diversos elementos do grupo, que eram aceitas com naturalidade, seja entre adultos, seja entre crianças. O prazer espontâneo dos primeiros tempos, no entanto, foi gradativamente restringido por normas da organização social e a regulamentação dos vínculos familiares, pela necessidade de segurança na transferência dos bens e cuidados de pais para filhos, legaliza o amor.

As relações de complementaridade foram progressivamente acentuadas e codificadas como elementos de estruturação da cultura e condição de adequação dos indivíduos à mesma.

A mulher, que permaneceu junto à prole e ao grupo familiar, foi menos exigida nas tarefas do mundo exterior, se conserva mais ligada aos aspectos afetivos e opta, existencialmente, pela busca de relações que integrem amor, sensualidade e sexo, nesta ordem de prioridade.

Pelas circunstâncias que a fizeram vulnerável e dependente da ajuda do homem, ela se coloca como um ser que espera encontrar nele e com ele a resolução de suas necessidades. Os padrões arcaicos dos relacionamentos primordiais da humanidade, subjacentes no inconsciente de ambos e reforçados pelos estereótipos culturais presentes na evolução de cada um, fazem com que a relação

seja para ela mais visceral e importante do que para ele, que é auto-suficiente, não precisando dela para sobreviver.

A evolução ontogenética corre na mesma direção desta evolução filogenética do amor.

Vejamos como se constrói o indivíduo humano:

A identidade se constrói na relação, sendo o "eu" a resultante do exercício de papéis, a consciência de si que desabrocha no intercâmbio com o tu. Cada ser é o que é, em virtude dos papéis que vivencia com o outro. O conjunto de papéis e contrapapéis oferecidos à criança nesse processo de estruturação chama-se Matriz de Identidade. A construção da identidade envolve momentos de aproximação e de distanciamento que tem como pontos máximos: a fusão (indiferenciação) e a individuação ("eu sou eu, sou o 'não-outro").

Fusão e individuação são elementos organizadores, pólos de um mesmo processo pelo qual a identidade se estrutura mediante um movimento pendular. Os momentos de individuação contribuem para a delimitação do "não-eu" e, por conseqüência, do "eu". Os momentos de fusão marcarão para sempre o "como" da futura atuação do ser no mundo.

Ambas as posições são necessárias e igualmente estruturantes; no entanto, é impossível permanecer em fusão ou individuação puras. Nas diversas fases da vida, o ser oscila entre um e outro em diferentes ritmos e velocidades. Em algumas circunstâncias evolutivas ou afetivas, o indivíduo permanece mais tempo em determinado ponto, saindo dele em direção ao pólo oposto apenas eventual e rapidamente. Dessa maneira, o feto, assim como, logo após, o recém-nascido, permanece prolongadamente em fusão e o adulto, quase sempre em individuação.

Desde o início, os estímulos oferecidos pela Matriz de Identidade a cada gênero são muito diversos. É diferente a relação de uma mãe com seu filho ou sua filha ou a de um pai com cada um dos dois, assim como é diferente a relação de filho ou de filha com pai e mãe. Essas relações são responsáveis por adultos de uma mesma espécie que percebem e lidam com o mundo de maneira tão específica a cada gênero.

Desde o momento em que toma conhecimento do sexo do bebê, cada membro da família passa a desempenhar papéis em razão das expectativas de comportamento e dos estereótipos correspondentes, desencadeando condutas matrificadoras do indivíduo como pertencente a seu gênero.

Nesses momentos iniciais, a formação da identidade da criança, oscilando entre os pólos "fusão" e "individuação", tem o seu maior peso na fusão. A intensa troca afetiva com a mãe estabelece para ambos os sexos uma relação de intimidade com características de indiscriminação e simbiose, do tipo "eu sou ela, ela é eu". De acordo com essa identificação original, as condições de maternagem e as diferenças na qualidade dessa fusão marcarão os padrões que regem a feminilidade e a masculinidade.

São diferentes as características da fusão com meninos ou com meninas, a começar pelo diálogo tônico que se dá de forma específica com cada um. Na relação que a mãe estabelece com o filho,

experimentando-o como seu oposto, ela se fascina e se encanta com a diferença, desencadeando em si fantasias de fusão com o sexo oposto. Ela proporciona ao menino uma fusão inicial com colorido erótico, o que desencadeia o surgimento dos mecanismos socioculturais de interdição ao incesto. A mãe se contém e o seu tônus, mais tenso, reflete a censura à expressão de seu afeto. O menino responde ao tratamento recebido; sentindo a tensão dela, ele começa a ser menino antes de saber que tem um pênis e antes de perceber as diferenças sexuais.

O tônus postural da mãe ao amamentar a filha é mais relaxado, a relação é caracterizada pela satisfação de se ver repetida, pela tranquilidade de lidar com o ser que é uma extensão de si mesma. Seus arrulhos de cumplicidade expressam a sexualidade difusa de ambas e estimulam a feminização. Identificando-se uma com a outra vivem uma fusão da qual não precisam fugir, uma vez que não há o fantasma do incesto. A sensação de englobamento e bem-estar dispensa a filha de qualquer esforço de individuação, o que leva ao prolongamento da simbiose.

A qualidade das vivências fusionais iniciais com a mãe, ou seja, fusão misturada com erotismo (meninos) ou fusão com identificação (meninas), é determinante na estruturação da personalidade e leva a diferentes resultados. No primeiro caso, é estimulada a individuação e, no segundo, a fusão, vivência do "ser-com-outro", sendo este um dos pontos mais significativos para explicar as diferenças entre homens e mulheres.

O fato de a menina viver inicialmente a identificação, desfrutando dela com tranquilidade e aceitação da mãe, faz que ela construa seus primeiros instrumentos identidade baseada na semelhança. Por meio da mãe, ela se identifica com o grupo feminino, desenvolvendo um sentimento de pertencer, uma identidade coletiva que permanece para sempre. Mais tarde, já adulta, a mulher permitirá facilmente a fusão de outros com ela, desejando intimidade e afiliação familiar. A mãe sente a sua filha como extensão de si mesma, projeção sua no tempo e tende a mantê-la menos separada, estimulando o prolongamento das vivências simbióticas.

Não só as duas protagonistas, mas também a própria cultura espera e estimula o, prolongamento da fusão. A menina não precisa se separar; ao contrário, sua separação precoce prejudica sua identificação com a pauta de desempenhos femininos. A permanência na fusão não afeta a sua identidade de gênero - espera-se que as mulheres sejam um pouco dependentes. Seu prejuízo se dá na individuação. A fusão exagerada dificultará seu domínio da realidade extrafamiliar e seu agir independente no mundo.

O vínculo de identificação do menino com a mãe, erotizado por esta, promove nele o conhecimento da diferença. A fusão é gratificante para ambos; todavia, a proximidade intensa e excitante contém o germe da ambivalência: ao mesmo em tempo que deseja perpetuar a fusão e prendê-lo junto a si, a mãe o empurra para longe, porque o ama e o quer bem masculino. A separação é essencial a ele, uma vez que a fusão, tentação de aconchego e intimidade, é perigosa para o bom desenvolvimento de seu "ser-homem".

O processo de individuação do menino é facilitado pelo afastamento. Ele já sabe que não é igual, que não faz parte do grupo feminino, mas ainda não conhece os homens. A identificação se dá pelo avesso, visto que a identificação propriamente dita começa mais tarde, quando o pai se torna

presente. Por isso o desenvolvimento da identidade de gênero é mais difícil para os meninos. Porque o menino tem de renunciar muito cedo à fusão com a mãe, assim como pelo fato de esta vivência não conter plenamente o elemento de identificação, o homem experimenta vinculações mais flexíveis, com maior espaço para as diferenças. Todavia, a necessidade de escapar à fusão simbiótica com a mãe para preservar sua masculinidade desenvolve uma postura fóbica em relação a envolvimento e entrega, medo de intimidade, que se prolongará nos demais relacionamentos amorosos.

A construção da identidade inicia-se em ambos pelo gênero, com base nessas primeiras vivências afetivas. Enquanto ela desenvolve o sentimento de ser semelhante e parte, ele desenvolve o sentimento de ser "à parte", diferente, uno. A menina vive fusão-identificação e faz a relação amor = identificação; o menino vive fusão-erotividade e faz a relação amor = erotividade.

Esses primeiros esquemas continuarão funcionando nos adultos. Ao longo da existência, homens e mulheres repetem os padrões iniciais de sua memória afetiva, criando pautas de comportamento que são transpostas para todas as relações interpessoais, sobretudo as amorosas.

Os parceiros amorosos, com todas as suas possibilidades de troca emocional e intimidade corporal, reeditam as primitivas vivências, repetindo a relação primordial de cada um com a respectiva mãe, com seus componentes fusionais e de individuação. Assim como a mãe, o par é desencadeante de ansiedades e fantasias, ao mesmo tempo objeto desejado para a fusão (salvadora ou sufocante, conforme seja o caso) e ameaça de rejeição e abandono. É nessa relação que se observa a maior intensidade do conflito fusão-indivuação.

Assim como há uma pressão social para a mulher permanecer presa ao pólo fusional, há uma pressão sobre o homem para que fique preso ao pólo da individuação. O homem busca sempre a diferenciação, quer se afirmar, separar-se, ser indivíduo. Para defender-se da regressão e do medo de ser anulado, tende a encaminhar o desejo fusional para a posse sexual, na qual se sente seguro; e mesmo na busca do erótico, mantém uma atitude de oposição à indiscriminação. A mulher quer se fundir ao amado, formar com ele uma mistura homogênea na qual não se distinguem limites individuais. Por isso, para ela, um abraço apertado e carinhoso muitas vezes vale mais do que a relação sexual propriamente dita e esta terá pouco valor se faltar intimidade e aconchego.

Ela quer uma relação absoluta e íntima, dispondo-se a dar o mesmo em troca, enquanto ele anseia pela liberdade em uma relação mais separada, com espaços e momentos definidos. É uma diferença de objetivos que deixa a mulher ansiosa e insegura, pois lhe parece que ele a ama menos do que seria necessário, e deixa o homem tenso, ao se sentir cobrado e pressionado. Quanto mais o inseguro e o exigente amor da mulher insiste, mais ele recua.

Tanto o homem como a mulher precisam de confirmação e reconhecimento, mas apresentam marcantes diferenças conseqüentes às suas primeiras experiências evolutivas. O homem, que se desenvolveu na oposição à figura feminina, quer da mulher amor, gozo sexual, cuidado carinhoso, permissão e aprovação às suas peculiaridades; a confirmação, ele espera de seus pares, os outros homens que, estes sim, avaliarão o seu valor pessoal.

A mulher espera tudo do homem, o amor, a proteção, a eroticidade e a confirmação social; é de sua aprovação e aceitação irrestrita que ela retirará a sua auto-estima. Quanto maior consciência a mulher tem de si, tanto mais inclui o reconhecimento pleno e a entrega total como essencial ao amor. Esse amor tão exigente certamente se deparará com a frustração, pois uma fusão completa tão identificatória não é mais possível e, sobretudo, não é desejada pelo homem, que, pelo contrário, a teme. Quanto mais ela insiste, mais ele recua, assustado, pois ele não quer se fundir e não exige que a mulher seja igual a si, muito menos quer ser igual a ela; basta que ela o ame e o aceite como é, queira ser a "sua mulher", extensão de sua identidade e de seu prestígio, objeto de seu desejo e fonte de gratificação erótica.

A fantasia onipotente da mulher, de transformar o parceiro ao seu gosto, encontra base e reforço no acervo mítico da humanidade: inúmeros contos ou fábulas, como "A Bela e a Fera", e romances modernos açucarados, como "A Noviça Rebelde", mostram mulheres que, por suas qualidades, por seu amor e por seu empenho, modificam o amado - com um beijo mágico, transformam sapos em príncipes. Já o homem, nos contos correlatos, detém o poder de despertar a amada adormecida, de trazê-la à luz e à vida, mas apenas desperta as suas qualidades latentes, não a modifica. Portanto, também ele encontra aí a base e o reforço de suas pretensões, que não são de modificá-la, mas de ser senhor da sua vida. As propostas conscientes e bem-intencionadas de estabelecer uma relação amorosa madura de troca e encontro se perdem nas contradições dos desejos e temores inconscientes. Ao repetir a história vivida, surgem as fantasias ameaçadoras, em que um é perseguidor do outro e a relação se reveste de frustração, ressentimentos e mágoas. Ambos se frustram e não sabem o que fazer, pois também não reconhecem o que está acontecendo com o seu amor.

A maior harmonização das relações amorosas passa pela coexistência dessas forças opostas e pela aceitação da inevitabilidade do conflito entre o desejo de fusão e o desejo de individuação.

As mulheres precisam ser estimuladas e reforçadas em sua individuação para superar as dificuldades de discriminar-se e de amar não simbioticamente, valorizando um espaço relacional que possa preservar, ao mesmo tempo, os elos relacionais e a distância.

Os homens precisam resgatar o prazer da fusão, superando o medo da diluição para poder entregar-se à intimidade e ao amor.

Baseado nessa leitura, o trabalho terapêutico das relações amorosas, tanto na terapia de uma das partes, como na terapia de casal, envolve necessariamente um processo de rematrização, no qual se reforcem a segurança da própria identidade e a aceitação das diferenças anteriormente referidas para que possam melhor se perceber, sem terem de se defender um do outro como de um oponente.

- FASSA, B.; ECHENIQUE, M. Poder e amor: a micropolítica das relações. São Paulo: Aleph, 1992.
- MORENO, J. L. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 1975.
- RILKE, R. M. Cartas a um jovem poeta. Rio de Janeiro: Globo, 1989.